

Kwã nuk:
História e Metodologia de Ensino da Língua Patxôhã do
povo Pataxó



Sirleide Batista Lopes

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Formação Intercultural para Educadores Indígenas

Sirleide Batista Lopes

Kwãnuk:

História e Metodologia de Ensino da Língua Patxôhã do povo Pataxó

Percurso Acadêmico apresentado ao Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FIEI/FAE/UFMG) como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Ciências Sociais e Humanidades.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Maria Gorete Neto

UFMG
Belo Horizonte
2017

Sirleide Batista Lopes

KwãnuK:

História e Metodologia de Ensino da Língua Patxôhã do povo Pataxó

UFMG
Belo Horizonte
2017

DEDICATÓRIA

Dedico em especial a minha mãe Ivanildes Miranda Lopes conhecida como Pantera Pataxó (em memória) que soube me educar da melhor forma possível, que sempre trouxe em seu rosto um grandioso sorriso, até em dias difíceis e me ensinou que tudo tem que ser conquistado com trabalho e muito amor. Ao meu pai Eujacio Batista Lopes (em memória) que ao lado da minha mãe nos deu muito carinho e sabedoria para traçarmos uma vida tranquila.

A minha família, em especial as minhas filhas Yacewara Lopes dos Santos, Yamĩ Lopes dos Santos e Yam´nawã Lopes dos Santos, por fazerem parte da minha vida e por entenderem os momentos que tivemos que nos separar para eu estudar tão longe. Ao meu esposo e companheiro de vida Cosme Araújo dos Santos Tawá Pataxó por me ajudar a cuidar de nossas filhas e suprir minha ausência no período dos meus estudos e ter me transmitido conhecimentos que vieram fortalecer e valorizar o meu respeito aos ancestrais do nosso povo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado todas essas pessoas na minha vida, por me fortalecer nos momentos difíceis, por me dar sabedoria no momento certo, por acreditar em um mundo melhor para minhas filhas, por nos momentos de incertezas terem clareza nas minhas palavras, por fazer de mim uma pessoa companheira em busca de novos conhecimentos, por em momentos de perdas me dar o renascimento através de vidas.

As minhas irmãs Cirlaine e Sirlene que na ausência dos nossos esteios pai e mãe sempre fomos unidas uma ajudando a outra a superar os desafios. Ao meu irmão Karkaju que esteve presente nestes quatro anos de estudo por ser meu colega de turma, passamos bons e maus momentos, apoiamos, discordamos e concordamos em muitas coisas e estávamos sempre juntos até no cafezinho da cantina. Aos outros meus irmãos Wilson, Ivanildo, Igenilza e Irene por estarem presentes nos momentos de perdas com uma palavra de conforto, as minhas sobrinhas Wedxewara, Ayra, Vanessa, Valeria, Mirele, Karollayne, aos meus sobrinhos Isac, Weslei, Werãnawe que com seus jeitos carinhosos conquistaram o amor uns dos outros. A meu cunhado Awoi e minha cunhada Sire Mayõ que sempre tiveram uma sabedoria e conhecimento para me ajudar nesse meu percurso escolar.

A minha sogra Maria Ribeiro pelo cuidado com minhas filhas, a meu sogro Caraja que muito admiro pelo seu jeito guerreiro de lutar para a conquista das terras do povo indígena, ao bisavô das minhas filhas, dona Taquara, por cuidar de mim e de minhas filhas nos momento que precisei, as tias do meu esposo Nitxinawã, Naiara e Jandaia que tenho como parte da minha família. À Simone, Meirinan, Rayane e Wedxewara que foram babás das minhas filhas neste trajeto de estudo da faculdade, que tiveram que deixar sua família para cuidar da minha. Em especial à minha amiga Rosangela pela sua alegria, amizade e por me acolher como parte da sua família. Compartilhamos bons e difíceis momentos nesta trajetória acadêmica.

E a todos os alunos da minha turma de faculdade, os Pataxós e Xacriabá, com quem tive quatro anos de convivência e aprendizado, uns com amizades mais próximas e outros mais distantes, mas todos com um só objetivo. Às minhas colegas de turma da etnia Pataxó Edleuza, Aritana, Maria e Iraia, que juntas passamos bons momentos e que iremos levar para vida toda. Às amigas Xacriabá, que são muitas. Sei que não vou lembrar o nome de todas então aqui cito duas: Terezinha e Romaria, para representar todas Xacriabá.

Meus agradecimentos às pessoas e amigas que conquistei nos períodos de intermódulos em Barra Velha que acolheram a mim e minha família, que fizeram me sentir parte de suas vidas,

em especial o avô de Awoi, o senhor João Graciano, sua filha, seu esposo e filhos; a avó de Rosângela, a dona Guiomar Mendes e sua tia dona Rosa Cordeiro Braz, por me acolher como parte da família, à mãe de Birai. Agradeço também as pessoas que conheci no intermódulo em Mata Medonha pela recepção e acolhimento a todos os anciões Pataxó.

Agradeço a minha comunidade da Aldeia Reserva da Jaqueira e da Aldeia Juerana, a todos os anciões e lideranças do nosso Povo Pataxó.

Aos meus professores do FIEI que denomino Paulo Maia, Charles Cunha, Edgar Barbosa, Pedro Rocha, Josiley, Ana Gomes, Maria Gorete, professora e orientadora, e todos os bolsista que se fizeram presente em nossa turma.

Agradeço as minhas avós dona Maria Cahu (em memória) e dona Rosa Batista (em memória) que apesar de ter convivido pouco tempo em nossas vidas nos deixou boas lembranças; aos meus avós Domingos Luiz Filho (em memória) e Aneclides (em memória) que não tive o privilégio de conhecer, mas guardo na memória seu jeito especial de ser relatado por minha mãe e meu pai, sei que Deus os levaram de nossas vidas muito cedo, mas cada um de nós tem seu tempo e sua missão aqui na terra e que no mundo ancestral a vida é eterna.

Por fim agradeço de coração a todos os anciões, lideranças, homens, mulheres, adolescentes e crianças das Aldeias onde fiz minha pesquisa - Aldeia Juerana e Aldeia da Jaqueira - por permitirem que este trabalho fosse concluído e que servirá de fonte de pesquisa para outros parentes Pataxó.

MENSAGEM

“Se for de chorar, chore,
Se for de sorrir, sorri,
Se for de bater palma, bate,
Se for de lutar, lute,
Mas nunca deixe
De participar de sua cultura”
Pantera Pataxó (em memória)

“Nunca pegue o que não é seu
Se alguém deixou ali,
Vai voltar para pegar,
E se não voltar
E por que aquilo ali não serve
E se não serve porque você vai pegar”
Eujacio Batista Lopes (em memória)

RESUMO

Meu trabalho aborda a História e Metodologia de Ensino da Língua Pataxó. A pesquisa foi realizada em duas Escolas Indígenas: Na Escola Indígena Pataxó Jaqueira da Aldeia Indígena Pataxó Jaqueira, na Escola Indígena Pataxó Juerana da Aldeia Indígena Pataxó Juerana, localizadas no Município de Porto Seguro no Extremo Sul da Bahia. Os objetivos são: conhecer e registrar as metodologias utilizadas nos dois contextos escolares e interagir com as experiências vividas de cada professor, mostrar a importância da escola nesse processo de transmissão e de retomada da língua e valorização dos nossos mais velhos neste processo de memória linguística Pataxó, relato do Atxôhã como grupo de pesquisa da língua, história e cultura Pataxó e seus avanços e conquistas. Este trabalho servirá de apoio pedagógico para as comunidades Pataxó.

Palavras-chave: Patxôhã, Língua Pataxó, Metodologia de Ensino, Escola Indígena.

SUMÁRIO

Introdução	10
Capítulo 1: O Povo Pataxó: quem são e onde estão suas raízes?	13
A preservação da Língua Pataxó pelos anciãos	16
O Atxôhã (grupo de Pesquisa da Língua, História e Cultura Pataxó)	19
Capítulo 2: Refletindo sobre as metodologias de ensino do Patxôhã nas escolas Pataxó da Aldeia da Jaqueira e da Aldeia Juerana	26
A Escola Indígena Pataxó da Jaqueira	29
A Escola Indígena Pataxó da Juerana	33
O Ensino de Patxôhã para crianças em casa e na escola	35
O Ensino do Patxôhã no Ensino Fundamental I	37
Capítulo 3: Diferenças e semelhanças no ensino do Patxôhã nas escolas observadas	47
Considerações Finais	50
Referências	51

INTRODUÇÃO

Sou Sirleide Batista Lopes, nome indígena Waiã Pataxó. Minha família veio para a Aldeia de Coroa Vermelha, no Município de Santa Cruz Cabrália, no Extremo Sul da Bahia, no ano de 1988, quando eu tinha oito anos de idade. E atualmente moro na Aldeia Indígena Pataxó da Jaqueira, no município de Porto Seguro, sul da Bahia.

Sou professora e no momento estou na coordenação das Escolas Indígenas Pataxó da Jaqueira e Juerana, onde trabalhamos com alunos da Educação Infantil, Ensino Fundamental I e EJA (Educação de Jovens e Adultos).

Iniciei meus estudos aos nove anos de idade, fiz da alfabetização à 4ª série na Escola Antônio Aragão, em Coroa Vermelha. Na 6ª série tive que estudar em Santa Cruz Cabrália à sete km de distância da Aldeia Coroa Vermelha, pois não tinha o ensino fundamental II na aldeia. A partir daí, enfrentei várias dificuldades. Mas, sempre tive o apoio da minha mãe na minha educação, ela participava dos eventos da comunidade e eu, meus irmãos e irmãs a acompanhávamos.

Um das dificuldades enfrentadas para estudar em Cabrália era a falta de transporte escolar e muitas vezes tínhamos que vir andando ou de carona. O preconceito nesse período era muito grande contra nós indígenas, pois os alunos não indígenas não gostavam de fazer trabalho em grupo com a gente, era uma rivalidade com os alunos da nossa comunidade.

Particpei de vários movimentos na comunidade, em especial dois: a retomada da agricultura, e hoje temos uma roça. Lá meu pai ajudou muito, mas não podia ficar o tempo todo. Pelo fato de ser branco, ele sempre nos apoiava. Mesmo sendo um não índio não deixava de ajudar e nos incentivava a participar dos movimentos da aldeia.

Em 1997 foi a retomada da Reserva da Jaqueira: eu, minha mãe e meus irmãos participamos desde o início da retomada, depois ajudamos na construção dos kijemes¹. Não foi fácil porque nessa época não tinha apoio de nenhuma entidade e tivemos que enfrentar vários obstáculos, um deles era todos os dias ir e vir andando os 6 km de distância da Aldeia Coroa Vermelha.

A outra era carregar marimbus², palhas e madeiras para a construção desses kijemes. Nessa época o objetivo era de preservação ambiental e cultural. Ainda não se trabalhava com

¹São casas Pataxó feitas de taipa e barro e coberta de palha ou piaçava. Geralmente seu formato é redondo e seu tamanho varia.

²Espécie de tiririca do brejo utilizada para cobrir casas.

etnoturismo. Ao longo do tempo a comunidade da Reserva da Jaqueira foi desenvolvendo o Ecoturismo e atualmente trabalha com etnoturismo em que envolve toda a comunidade recebendo diariamente a visitação de turistas que vem conhecer um pouco da cultura Pataxó.

Nesta época aprendi várias coisas na Reserva da Jaqueira, pois todos os dias sentavam para cantar, dançar e tive como incentivadora Naiara Pataxó que sempre cuidava para que nós aprendêssemos os passos das danças e até criávamos passos novos. Ao mesmo tempo ajudávamos nas construções dos kijemes e aos sábados íamos para a Escola Indígena de Coroa Vermelha, eu e minhas duas irmãs Cirlaine e Sirlene estudar palavras em Pataxó que inicialmente eram poucas palavras que foram coletadas pelo grupo de pesquisa. Esse grupo era pequeno, liderado por Naiara Pataxó e Matalawe Pataxó. Neste tempo Voltair Alves dos Santos (Awoi Pataxó) atual coordenador do Atxôhã (grupo de estudos da língua Pataxó: o Patxôhã³), Clarivaldo Alves dos Santos (Ajuru Pataxó) professor e pesquisador de Patxôhã e Cosme Araújo dos Santos (Tawá Pataxó) pesquisador e colaborador do Atxôhã, que eram também membros da Reserva da Jaqueira, se destacaram por ter mais facilidade de pronunciar e aprender as palavras em Patxôhã.

Participávamos de encontro com outros povos, viajávamos para vários lugares, como Salvador, para participar do bloco Apache que tinha a participação de algumas etnias da Bahia, em Brasília nos primeiros jogos nacionais indígenas. Nesta época foi um ônibus com todo o pessoal da Jaqueira. Participávamos dos encontros de mulheres e neste tempo também fui secretária da associação da Jaqueira. Ficamos mais ou menos de quatro a cinco anos na Jaqueira e todo o trabalho era voluntário.

Então as coisas foram ficando mais difíceis e tivemos que encontrar trabalho para poder ajudar em casa. Foi aí que consegui uma vaga de agente de saúde em Coroa Vermelha, pela manhã trabalhava e à noite estudava até completar o Ensino Médio em Formação Geral. Mas, meus pais não tinham condições de pagar faculdade para mim, então, para não ficar parada, eu estudei mais dois anos o curso de Magistério.

Depois apareceu em Santa Cruz Cabrália uma turma de auxiliar de enfermagem e aí eu estudei mais um ano. Daí eu passei a trabalhar como auxiliar de enfermagem no posto de saúde. Fiquei 8 anos neste trabalho, mas era contrato. Em 2008 aconteceu o concurso público em Porto Seguro e lá tinha vaga de professor para a Reserva da Jaqueira. Fiz, passei e voltei

³ Nome dado a Língua Pataxó com a junção de três palavras em Patxôhã: Pat: iniciais da palavra Pataxó; atxohã é língua; xôhã é guerreiro. Ficando linguagem de guerreiro Pataxó.

para trabalhar na primeira Escola da Jaqueira cedida pela comunidade. Tempos depois, em 2009, foi construída a escola.

Depois de cinco anos atuando como educadora, me matriculei em uma faculdade particular chamada de Unitins no curso Pedagogia, mas não dei muita sorte, pois depois de três anos e meio a faculdade faliu ou melhor fechou e aí perdi, não consegui resgatar a documentação devido ao núcleo da mesma ser em Tocantins. Em 2012, assumi a função de coordenadora pedagógica da escola da Jaqueira e Juerana.

Diante disto surgiu a primeira turma de licenciatura no IFBA (Instituto Federal da Bahia) eu fiz a inscrição, mas não passei. Tentei no mesmo ano a UFMG para o curso de Línguas, Artes e Literaturas, mas não conseguir devido a um erro do correio que carimbou a data da entrega dos documentos errado. Então no ano seguinte tentei novamente e passei para o Curso de Ciências Sociais e Humanidades.

Com o desenvolvimento do curso, surgiu o desejo em pesquisar a História e Metodologia do Ensino da língua Patxôhã do povo Pataxó. E também por ter participado do início desta construção e revitalização da língua Pataxó na Aldeia Coroa Vermelha, por ouvir à noite meu esposo e meu cunhado dialogando no idioma. Ao assumir o cargo de Coordenadora nas Escolas da Jaqueira e da Juerana pude perceber a importância desta disciplina para nosso povo Pataxó.

Minha pesquisa será dividida em três capítulos. No primeiro capítulo, abordo os temas: O povo Pataxó: Quem são e onde estão suas raízes; A preservação da Língua Pataxó pelos anciões; O Atxôhã (Grupo de Pesquisa da História, Cultura e Língua Pataxó). No segundo capítulo, faço um breve relato, refletindo sobre as metodologias de ensino do Patxôhã nas escolas Pataxó da Aldeia da Jaqueira e da Juerana; A Escola Indígena Pataxó da Jaqueira; A Escola Indígena da Juerana; O Ensino de Patxôhã para crianças em casa e na escola; O Ensino de Patxôhã no fundamental I. No terceiro capítulo, trato sobre Diferenças e semelhanças no Ensino do Patxôhã nas escolas observadas. No quarto capítulo, apresento minhas Considerações Finais.

Este tema de percurso foi um desafio, pois não tem muita pesquisa sobre este tema, mas servirá de apoio pedagógico para outras pesquisas futuras. Espero poder contribuir com as crianças e adultos da minha comunidade levando até eles este conhecimentos adquirido na faculdade, sem deixar perder nossa cultura e costumes adquiridos na aldeia.

CAPÍTULO 1: O POVO PATAXÓ: QUEM SÃO E ONDE ESTÃO SUAS RAÍZES?

Atualmente o povo Pataxó vive em aproximadamente 40 aldeias espalhadas na região do extremo sul da Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro. O povo Pataxó no seu cotidiano fala a língua portuguesa e o Patxôhã e desde 1998 estão em processo de retomada da língua Pataxó denominada Patxôhã. Este processo conta com a memória linguística dos mais velhos das aldeias Pataxó que souberam preservar algumas palavras que então foram catalogadas e pesquisadas no intuito de resgatar a língua Pataxó.

O povo Pataxó sobrevive de produção e venda de artesanatos, pesca, agricultura, pecuária, turismo, etnoturismo, de proventos de funcionários Municipais e Estaduais de escolas indígenas e na saúde como funcionários da SESAI e de pequenos comércios. Na educação a maioria das escolas Pataxó são municipais e algumas estaduais. Sua gestão e corpo docente e discente são integrados por indígenas das próprias comunidades.

Na saúde tem a SESAI – Secretaria Especial de Saúde Indígena, que atende os indígenas realizando consultas, marcação de exames, atendimento odontológico entre outros pequenos atendimentos que variam de aldeia para aldeia, pois tem aldeia que tem posto de saúde e outras não. Existe aldeia que tem bom acesso à estrada e outras em que o acesso é muito difícil. Cada comunidade Pataxó se adapta à sua realidade, mas na cultura e costumes é um povo só, são acolhedores e gostam de conversar ao redor da fogueira, tendo nos mais velhos um livro de histórias e resistência.

Seus rituais variam de aldeia para aldeia: tem umas que realizam os rituais com mais frequência, outras só em épocas festivas. Há rituais que são realizados em umas e em outras não, como por exemplo, festas das águas nas aldeias de Minas Gerais, o lual ritual em noite de lua cheia, os jogos e o aragwaksa em aldeias da Bahia.

Na religião acreditam que deus é tudo que tem na natureza, na água, no ar e na terra. A igreja hoje tem uma grande inserção nas comunidades Pataxó enfraquecendo a participação de alguns indígenas nos rituais. Em rituais, manifestações ou atividades culturais das aldeias Pataxó geralmente são usadas vestes feitas de imbira (fibra retirada da árvore da biriba), cocares feitos de pena de galinha, pato, entre outras aves nativas da região, colares de sementes nativas, brincos feitos de penas ou sementes. Nas danças tem o maracá, considerado sagrado para o povo Pataxó. As músicas são cantadas em português e no idioma do Patxôhã.

A organização interna das aldeias Pataxós geralmente segue um padrão onde existe um cacique, um vice cacique, e suas lideranças compostas por indígenas mais velhos da aldeia ou até por algum jovem que tenha aptidão por liderar um grupo. Há as associações, cooperativas, conselhos e institutos que integram também as aldeias estas instituições buscam captação de projetos para melhoria das comunidades e são mantidas e administradas pelos próprios indígenas.

O Povo Pataxó que historicamente tem mais de 517 anos de contato, povo da floresta que conhece a mata como ninguém e que habitualmente aparecia ao litoral para pegar mariscos na praia. Tinha habilidade em atirar flechas, eram nômades, foram massacrados e quase dizimados, mas resistiram às tentativas do colonizador em exterminá-los e ultrapassaram os “tempo”, sem se deixarem acabar, na esperança de retomar seu território ancestral.

Os Pataxó como tantos outros indígenas no Brasil foram obrigados a deixar seu território por causa das capitâneas que se espalharam do litoral adentro com objetivo de explorar os bens naturais como o pau Brasil e outros bens do Brasil para Portugal. O povo Pataxó abandonou suas terras em Porto Seguro e andou por muito tempo em outras áreas como Ilhéus, Canavieiras entre outras cidades do extremo sul baiano:

Mas como todo índio é apegado ao solo primitivo eles voltaram e se distribuíram por algumas aldeotas perto de porto seguro cerca de 12 quilômetros. Viveriam em paz até hoje se por volta de 1961, o governo federal não tivesse criado o Parque Nacional do Monte Pascoal. Depois que surgiu o PNMP, os Pataxós nunca mais tiveram paz. Eles viviam uma vida de aculturalizados mas sem as mínimas condições. (Folha 78, prot: nº 2556\82 FUNAI)

O trecho acima relata o apego do povo indígena pelas suas raízes, o espaço onde o seu povo ancestral foi enterrado, marcando sua relação com a terra de origem. Começou então, em 1961, um entrave entre índios e guardas florestais que não queriam que os índios fizessem pequenas roças para seu sustento no entorno do Monte Pascoal. Neste tempo também o entorno do Monte Pascoal e cidades vizinhas era passagem de vários grupos indígenas que sobreviviam de caça, frutos e mariscos e que transitavam no litoral em busca de alimentos. Segundo Bomfim:

Os indígenas dessa região na década de 60 foram aldeados pelo governo que não queria que ficassem transitando pelos vilarejos, pois os vilarejos estavam em fase de crescimento populacional então foram obrigados a ser aldeados. Neste aldeamento a situação era precária, pois eles não podiam plantar nem pequenas roças para seu sustento. Entre 1861 a 1939, os Pataxó mantiveram-se na região do entorno do Monte Pascoal e tiveram que se unir a outros grupos indígenas com os quais mantiveram contatos ou vieram refugiados, garantindo assim sua sobrevivência e construindo suas vidas como se não bastasse, com a criação do Monte Pascoal em 1943, durante o governo de Getúlio Vargas, os Pataxó enfrentaram mais um conflito dentro de seu território, quando se sentiram fortemente ameaçados. A criação deste parque previa a retirada dos habitantes do entorno da área em questão, no qual os Pataxó estavam situados e, como resultado disso, em 1951, ocorreu um massacre denominado pelo povo Pataxó de “fogo de 51”. Esse massacre causou violência a integridade física e moral do povo Pataxó, além da dispersão de muitas famílias Pataxó que só aos poucos foram reerguendo suas vidas novamente em suas terras constituídas também outras comunidades ou passando a viver em outros locais circunvizinhos. (Bomfim, 2012, p. 20)

De acordo com texto acima os Pataxó viviam sobre ameaças constantes e alegações dos guardas florestais que diziam que os índios destruíam a floresta e porque o local deste aldeamento ficava na área do Parque Nacional do Monte Pascoal que naquele tempo era protegido pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF).

Foi uma época de muitos conflitos e ameaças dos guardas contra os índios que foram deixando de ser nômades e passaram a ser sedentários, mesmo que seja comum mudarem de aldeias. Neste aldeamento forçado tinha Pataxó, Tupinambá, Tupiniquim entre outras etnias que circulavam os vilarejos do litoral.

Com o passar do tempo depois de muitas lutas, sofrimentos, massacres, morte de muitos indígenas, direitos violados e muita resistência do povo Pataxó, é com a persistência dos anciões em retomar seu território que hoje os seus descendentes podem usufruir um pouco destas terras. Se não fosse por eles talvez os Pataxó estariam extintos.

A FUNAI (Fundação Nacional do Índio) teve o primeiro contato oficial com o grupo de índios Pataxós em dezembro de 1968 no litoral do município de Porto Seguro, distrito de Caraíva. Em 22 de agosto de 1969 o presidente da FUNAI senhor José Candido de Melo Carvalho comunica ao Conselho Indigenista que entra em contato com o presidente do IBDF o manifesto de que o Parque Nacional passe a ser Parque Indígena.

A preservação da Língua Pataxó pelos anciãos



Dona Taquara, Aldeia Jaqueira (Crédito: Sirleide Batista Lopes)

Por muito tempo os anciões das aldeias Pataxós guardaram na memória várias palavras que eram faladas pelos seus antepassados. Como naquele tempo eles foram obrigados a falarem o português, muitos foram catequisados pela igreja católica, cuja prática suprimia os seus direitos de falar seu idioma, tentava arrancar seus costumes, seus hábitos, participando assim dos processos de saque de seus territórios. Forçavam seu povo a conviver com outros costumes pelos colonizadores como tantos outros indígenas no Brasil. Estas palavras foram adormecidas e com o passar do tempo foram regatadas através do grupo de pesquisa da língua, história e cultura Pataxó. Esta língua foi denominada como Língua Patxôhã - língua de guerreiro Pataxó. Segundo Santos e Santos:

Para entendermos o motivo de nós Pataxó não falarmos mais a nossa língua, é importante lembrar e considerar várias coisas. Uma delas é entender que a nossa língua não foi perdida. Nos foi proibido e negado o direito de continuarmos falando a nossa língua. Fomos aldeados à força, mas nem tudo foi perdido de nossa língua antiga! Pois com a ajuda resistente dos mais velhos, foi possível preservar nas memórias que mais tarde possibilitou para que nos professores e pesquisadores indígenas pudéssemos revitalizar a nossa língua que denominamos como Patxôhã. (Santos e Santos, 2010, p. 9)

Apesar de ter feito parte desse processo de reconstrução e memória da língua Patxôhã em Coroa Vermelha, tive que pesquisar mais a fundo e me debruçar em busca de maiores informações, para entendermos melhor sobre esta língua Patxôhã. Foi então que consegui ler a tese de Anari Braz Bomfim (2012), que fala sobre a língua Patxôhã e a monografia de Volteir Alves dos Santos e Vagner Alves dos Santos que relata sobre a língua Patxôhã na comunidade de Coroa Vermelha.

Como é um tema pouco falado não se tem muito estudo nesta linha, então fiquei mais inquieta em busca deste estudo. A língua Patxôhã veio ser mais divulgada em 1998 com a formação do grupo de pesquisa Atxôhã formado por professores e membros indígenas das comunidades Pataxó de Coroa Vermelha e Barra Velha, com a necessidade de autoafirmação, pois nesta época os indígenas sofriam muito preconceito tanto por parte dos brancos como por parte dos indígenas falantes de sua língua.

Entre o povo Pataxó há muitos anos circulavam algumas palavras no idioma por anciões das aldeias Pataxó, essas palavras mais tarde foram catalogadas pelo grupo de pesquisa. Assim, estas palavras foram analisadas e comparadas com outras línguas, chegando-se à conclusão de que sua família linguística e de que algumas palavras encontradas são da língua Maxakali, pertencente ao tronco Macro-jê:

A língua que falávamos antigamente, com certeza é da família de línguas Maxakali, pertencente ao tronco Macro-jê. Pois ainda hoje é possível fazermos comparação de sons e significados iguais entre as duas línguas. Podemos afirmar então que havia semelhanças não só nas linguagens, mas também nos costumes desses povos. (Fonte. Apostila do Atxôhã grupo de Pesquisa da Língua, História e Cultura Pataxó Coroa Vermelha, 2010)

Neste trecho fica clara a afirmação de que na língua Patxôhã há uma quantidade significativa de palavras Maxakali, pois os dois povos Maxakali e Pataxó costumavam a se encontrar na costa do litoral sul baiano para troca de produto como farinha, mariscos, caças entre outros. A língua Pataxó ressurgiu graças a persistência dos mais velhos em transmitir para os mais jovens essas poucas palavras para que não se perdessem. Por isso, devemos valorizar o nossos mais velhos pela coragem e persistência em manter esta língua viva entre nosso Povo Pataxó:

A gente sabe que em cada comunidade já havia alguns grupos trabalhando fazendo esse trabalho de fortalecimento da cultura, da língua e aqui em Barra Velha existe vários relatos de Araue, Kanatio que na época morava aqui, Zé Raimundo e vários outros, e Cumuruxatiba tinha dona Luciana (Zabele). Então várias outras pessoas já vinham fazendo este trabalho. Só que eram um trabalho independente que era feito em cada comunidade. Daí a gente percebendo essa necessidade de fortalecer e valorizar a cultura Pataxó e a língua, nós criamos um grupo de pesquisa que pudesse buscar mais essas questões da cultura e da língua para fortalecer e socializar com outras comunidades que havia ou estava fraca nesta questão cultural, adormecida a língua, as histórias, os cantos, as músicas. Então a gente criou este grupo para que pudesse valorizar e socializar esses trabalhos que foram pesquisados. O Atxôhã, às vezes falam “os meninos do atxôhã”. O Atxôhã não é só nós não, somos todos nós professores e pesquisadores de Patxôhã. Quando a gente criou essa coordenação de pesquisa Atxôhã foi para melhorar o acesso às informações e os trabalhos dos parentes com o objetivo principal dela e que esses professores juntamente com os coordenadores locais fizesse esse trabalho que a gente está fazendo agora que de estar conversando com os velhos, de estar socializando esse material e passando para gente para que a gente pudesse fazer a revisão desse material e isso nem sempre foi feito pelos professores de cada comunidade e como eu falei e uma coordenação que não tem recurso próprio para isso. A gente faz com força de vontade e recurso próprio e vai de cada um o interesse de buscar a sua cultura, os seus costumes, a sua história da sua aldeia do seu povo. (Awoi Pataxó, Coordenador geral do Atxôhã, Trecho de entrevista, 20/01/2017)

Baseado no trecho acima, agora os mais jovens têm o compromisso de ensinar às nossas crianças e membros da comunidade esta língua que é o Patxôhã. Sabemos que esta tarefa não é fácil, pois nada é fácil para o nosso povo. Então é por isso que temos o nome de guerreiro, e esta luta já começou desde 1998 quando o grupo de pesquisadores indígenas

começou a se dedicar a este estudo. Como no grupo não se tem nenhum linguista esta tarefa foi árdua. Com as palavras coletadas, como fazer para se ensinar às pessoas da comunidade?

Até hoje este processo de transmissão deste conhecimento tem vários obstáculos, como produção de material traduzido no Patxôhã para que nossas crianças possam acompanhar o estudo através de cartilhas ou vídeos traduzidos em Patxôhã, entre outras. A gente sabe que para o nosso povo voltar a ser falante de nossa língua não depende só da escola e nem dos professores. E esta tarefa é de todos da comunidade desde as crianças, adolescentes, pais, anciões, lideranças e todos que convivem na aldeia e um trabalho coletivo e de formiguinha. Se cada um assumir seu papel e ter o compromisso com o seu povo vai chegar um tempo mais a frente que a comunidade terá muitos e muitos falantes de Patxôhã.

O Atxôhã (grupo de Pesquisa da Língua, História e Cultura Pataxó)

O Grupo de Pesquisa Atxôhã é formado por professores e membros das comunidades Pataxó da Bahia e Minas Gerais. Em Coroa Vermelha iniciou no ano de 1998. Participamos das reuniões realizadas todos os sábados na Escola de Coroa Vermelha para formar palavras ou frases a partir das palavras encontradas na pesquisa feita com os mais velhos das aldeias Pataxó. Para entendermos melhor, entrevistei um dos pesquisadores:

Eu me chamo Cosme Araújo dos Santos, mais conhecido como Tawá Pataxó. Moro na Aldeia da Jaqueira e estou como presidente do Instituto de Etnoturismo Indígena Pataxó. Quando eu comecei a me envolver com essa questão da língua, já foi um pouco tarde. Eu já estava com a idade de 13 a 14 anos por aí minha tia Naiara sempre teve esta força na comunidade. Ela conta que foi para Minas e voltou e lá ela aprendeu algumas palavras, foi professora na Coroa depois saiu e deu continuidade neste trabalho de incentivar os parentes a tá praticando a sua cultura. Ai algumas palavras que eram cantadas e faladas que a gente cantava, não sabia o que significava aquilo ali mas cantava porque sentia uma energia boa e através dessas músicas conquistamos alguns dos nossos territórios como Coroa Vermelha, Jaqueira, Agricultura e mais outras. Nesta época meu pai era cacique de Coroa Vermelha, então eu comecei a observar essas músicas e a cantar. Ai quando começou a Jaqueira eu vim pra cá, aqui veio essa vontade de aprender mais sobre o povo, buscando mais sobre o idioma porque era poucas palavras que a gente falava como jokana, kaiamba, mangute e mais algumas, mas eram pouca. Ai quando a gente veio para aqui foi criado o

grupo de pesquisa, só que Kanatio já vinha fazendo esse trabalho nesta questão lá em Minas. Ai falaram vai vim uma índia que falava no idioma Pataxó eu vi, mas não sabia quem e só depois de muito tempo que eu vim saber que esta pessoa era Zabele de Cumuruxatiba. Ai veio todo esse processo de tá buscando e aprendendo. Foi feito vários encontro com outros parente ai vendo eles falando no seu idioma veio mais incentivo e a vontade de aprender. Com este trabalho de pesquisa foi feito coleta de palavras com pesquisadores que passaram por aqui na nossa região muitos anos atrás. Kanatio também tinha conhecimento disso, dessas palavras. Para fazer esse trabalho tinha Matalawe, Awoi, Ajuru, Nitxinawã, Naiara, Sirleide, Cirlaine, Sirlene, Nanir e mais outros que participava do trabalho da Jaqueira. Muitos desses estavam acompanhando e depois de um tempo se afastou um pouco e o trabalho continuou. Eu também participava ai foram catalogadas muitas palavras por um tempo. Com este trabalho de pesquisa fomos muito criticados porque muitos que falava “que Pataxó, não tem idioma, não fala mais a língua, que o idioma do povo Pataxó não existia mas” e isso acontecia não só pelos brancos mais também pelos indígenas que falavam em seu idioma. Então a gente fez análise destas palavras, para ver se tinha alguma palavra realmente de outros povos envolvido dentro do nosso idioma. Foi ai que começou, a gente tá fazendo a revisão de todo esse trabalho. Ai veio também nosso entendimento das palavras e se hoje eu falo tehe, os Maxacali fala tehei, os meninos de Barra Velha fala tehe também. Ai surgiu todas essas palavras e devido alguns antigos falarem diferente, mas todas elas com mesmo significado ai agente observou que todas estão certas. (Tawá Pataxó, trecho de entrevista, 10/02/2017, na Aldeia da Jaqueira)

De acordo com a fala do pesquisador indígena acima, esses encontros eram liderados por Matalawê Pataxó e Naiara Pataxó e participavam também Awoi, Ajurú, Tawá, Jandaia, Nitxinawã, Sirlene, Cirlaine, Sirleide, entre outros. Com o passar do tempo alguns seguiram outro rumo e ficaram alguns responsáveis em conduzir os trabalhos de pesquisa como coordenador Geral do Atxôhã, Awoi e Ajurú em Coroa Vermelha. E escolheu-se um coordenador local em cada aldeia Pataxó. Estes coordenadores têm um papel importante na pesquisa para o Atxôhã para que atenda a demanda de todas as comunidades Pataxó, pois eles são responsáveis em coletar materiais como histórias, músicas, palavras entre outros trabalhos realizados pelos professores de Patxôhã.



1º Encontro de Patxôhã em Coroa Vermelha, 2007. Fonte: Acervo do Atxôhã

O Patxôhã foi introduzido na escola indígena Pataxó de Coroa Vermelha em 2003 como disciplina, sendo que já havia a professora de cultura que era uma pessoa escolhida pela comunidade. Aquela pessoa que se destacava mais nas danças e músicas assumia a função de professora de cultura. Por exemplo, na aldeia de Coroa vermelha foi escolhida a professora Naiara por ela estar em frente das atividades culturais da aldeia.

Nesta época ela só ensinava músicas, danças e histórias Pataxó. E ao longo do tempo, com os estudos do grupo de pesquisa avançando houve a necessidade de ter um professor da língua Pataxó. Inicialmente foram trabalhando palavras, frases e pequenos textos, geralmente a partir de músicas antigas Pataxó que eram cantadas em português e tinham palavras na língua Pataxó.

A secretaria de Educação Santa Cruz Cabrália reconhece o Patxôhã como disciplina, o professor de cultura se tornou professor de Patxôhã. Então a escola teve e ainda tem um papel importante neste processo, pois a maioria das crianças passou a ter acesso à escrita ou à oralidade do Patxôhã através das escolas. O professor de Patxôhã assumiu um papel importante na escola. Porém, esta função também trouxe alguns problemas como a centralização do ensino de Patxôhã. Tudo que fosse voltado ao Patxôhã só procuravam o

professor de Patxôhã, sendo que esta responsabilidade é de todos os professores, pois todos são indígenas e sabe do seu compromisso ao seu povo.

Os outros professores das outras disciplinas só deixavam as práticas culturais para os professores de Patxôhã. Com o passar do tempo a escola percebeu este impasse e começou a orientar e incentivar aos outros professores que este papel é de todos e que todos os professores têm que aprender o Patxôhã para juntos fortalecerem a língua Pataxó. Segundo o Coordenador do Atxôhã, Voltair Alves dos Santos, conhecido como Awoy Pataxó, em entrevista:

Todos os professores, membros da comunidade, pais, alunos são responsáveis em transmitir os conhecimentos do Patxôhã, mas temos que buscar outros caminhos para que tenha maiores fluência na oralidade do Patxôhã na comunidade. Temos consciência de que avançamos muito com a pesquisa mais acreditamos que cada comunidade tem muito mais a contribuir com a nossa língua Pataxó. (Awoy Pataxó, trecho de entrevista, Dezembro de 2016, Aldeia de Coroa Vermelha).

No ponto de vista de do coordenador do Atxôhã em entrevista acima, o papel do professor de Patxôhã vai além do ensinar em sala de aula. Ele tem a obrigação e o dever de contribuir com a pesquisa, levando o conhecimento de sua comunidade para se integrar e fortalecer a pesquisa da Língua Pataxó. Mas não somente a escola tem este papel, cada comunidade tem que buscar outros métodos de aprendizado para haver maior número de falantes na língua.

Dentre os materiais escritos na língua Patxôhã produzidos pelo grupo de pesquisa temos como exemplo as apostilas que são atualizadas de acordo com os avanços dos materiais coletados pelos professores e membros do Atxôhã. Essas apostilas são distribuídas para os professores de Patxôhã, contendo as palavras traduzidas e alguns acordos ortográficos que servem de apoio pedagógico para o professor e aluno.

Em 2001 e 2002 aconteceram os encontros de professores para implantação do Patxôhã como disciplina na Escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha. Em janeiro de 2007 foi realizado o 1º Encontro de Pesquisadores Pataxó Bahia/Minas, na Aldeia Coroa Vermelha, no município de Santa Cruz Cabralia, na Bahia. Neste momento também vieram professores e membros das aldeias Pataxó de Minas. Em 2009 houve um encontro de Patxôhã em Salvador,

em que puderam reorganizar o grupo de pesquisa. Para entendermos melhor, trago um trecho da entrevista de Naiara Pataxó:

Eu me chamo Naiara Pataxó, sou vice-cacica e morro na Aldeia Indígena Pataxó da Jaqueira. Eu fui a primeira professora de cultura da Escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha. Saí da escola para me dedicar ao trabalho da Reserva da Jaqueira, onde fazemos um trabalho de Preservação Ambiental e Afirmação Cultural, e desde meus 13 a 14 anos que venho incentivando os parentes da minha comunidade a aprofundar os conhecimentos em nossa cultura. Lá na escola em Coroa eu ensinava os alunos a dançar, cantar, tocar o maracá, contava histórias do nosso povo, ensinava as palavras que a gente tinha, levava eles na casa dos velhos para ouvir histórias. Em 99 nos criamos um grupo de pesquisa no qual Anari e São já vinha trabalhando esta questão em Barra Velha e Kanatio em Minas. Aí nós chamamos eles para fazer parte desse grupo de pesquisa para que a gente pudesse se aprofundar mais neste conhecimento, inclusive na língua, na história, nos rituais. Aí a gente criou este grupo com 15 pessoas nas aldeias e que hoje é o atxôhã. Ainda a gente fizemos o primeiro projeto, que foi para a Anaí no valor de 2.050 para comprar os materiais como gravador e outras coisinhas para gente trabalhar. Aí a gente começou a desenvolver em algumas aldeias, a gente conseguiu ainda buscar muitas palavras, chegamos a 500 palavras nesta época, foi um trabalho de coleta. Nós aqui pesquisamos com os mais velhos daqui como Prejoca, Manuel Siriri, Remungai, minha mãe Taquara e mais outro, o pessoal de Barra Velha fez a coleta lá e outra aldeia também fez como o pessoal de Minas, Aguas Belas e aí a gente pediu para eles mandarem a lista pra cá e a gente foi juntando tudo. Aí começamos a formar frases, mas faltava algumas palavras e aí esse grupo foi crescendo e passando a reunir com outras gerações, aí veio os professores de Patxôhã. (entrevista Naiara Pataxó, 15/02/2017, Aldeia da Jaqueira).

Segundo a fala da liderança Naiara Pataxó este foi um trabalho de coleta realizado em várias aldeias Pataxó e, mesmo antes da pesquisa, ela já vinha trabalhando esta questão cultural na aldeia Coroa Vermelha.

Em outubro de 2010 aconteceu o 2º Encontro Cultural de professores e pesquisadores Pataxó Minas/Bahia, realizado na Aldeia Pataxó Fazenda Guarani Carmésia – MG, para discutir os materiais coletados pelos parentes para socializar os materiais e trocar experiências e práticas vividas no dia-a-dia do Patxôhã.

Outro aspecto foi o registro dos nomes em Patxôhã. Ter o direito de registrar nossas crianças com o nome em Patxôhã foi uma grande conquista para o nosso Pataxó, pois antes não podia registrar com nome indígena. Por isso hoje se encontram vários indígenas que tem dois nomes: o nome indígena e o nome não indígena. Mas mesmo com esse direito garantido ainda enfrentamos obstáculos devido os órgãos públicos não estarem preparados, pois os nomes em Patxôhã tem na ortografia acentos em letras que o português considera errado na sua ortografia.

Cito exemplo em 2006 quando eu e meu esposo fomos registrar a nossa segunda filha: Yamã Lopes dos Santos o pessoal do cartório não conseguiu colocar o acento til na letra i, então eles falaram para nos “por que vocês não coloca Yasmim ou Yamim, pois com este acento o nome está errado”. Então eu falei não este nome é desse jeito mesmo e não vamos mudar se você não consegue colocar o acento vou chamar um dos membros do atxôhã que entende de computador para vir aqui te explicar.

Então no outro dia seguinte fomos lá novamente e levamos o meu irmão o Karkaju que neste tempo ajudava na parte de digitação das palavras da apostila do Atxôhã. Mesmo assim com toda explicação, eles não conseguiram colocar o nome com o acento então ficamos muito chateados, mas não desistimos e pedimos para falar com a juíza, ai quando entramos na sala e falamos com a juíza ela falou que isto está errado do pessoal falar para nós trocar o nome da criança e que eles é que tem que ligar para Salvador e atualizar o sistemas do computador para o registro das crianças sair como os pais quiserem respeitando seus direitos de cidadão, crenças, raça ou religião.

Os cursos de formação continuada para professores de Patxôhã acontecem geralmente em algumas jornadas pedagógicas, encontros de professores indígenas, nos encontros dos Programas Saberes Indígenas, entre outros. Através da escola a comunidade tem avançado muito em relação a oralidade do Patxôhã mas precisam que tenham outras estratégias para avançar ainda mais com a participação efetiva dos adultos em transmitir esse conhecimento para nossas crianças.

O Atxôhã não recebe recurso de nenhuma entidade, conta apenas com a boa vontade dos professores ou membros indígenas voluntários para dar continuidade na pesquisa da língua.

Atualmente a Coordenação do Atxôhã, em parceria com a UFSB e MEC, tem realizado cursos de Formação continuada, que propõem a desenvolver com educadores

Indígenas uma experiência sensível com o cinema, com objetivo de aperfeiçoar suas práticas pedagógicas em sala de aula e usar outros recursos para transmissão do aprendizado da língua, no ensino de Patxôhã na escola e na comunidade. Em outubro de 2016 aconteceu o 1º curso de Áudio Visual para professores e pesquisadores da língua Patxôhã na Escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha. O 2º na Escola Indígena Pataxó Cahí Peki, e o 3º curso de realização de cinema e documentário na Escola Indígena Pataxó Barra Velha- BA. Em Janeiro de 2017 aconteceu a segunda etapa, o curso de Linguagem, pensando a Língua na Escola Indígena Pataxó da Jaqueira-BA.

Estamos agora organizando mais duas etapas, a 1ª no mês de maio, com o curso de Língua Maxakali na Escola Indígena Pataxó Aldeia Velha – BA. E a 2ª no mês de julho, o intercâmbio cultural na Aldeia Verde, junto aos Maxakali.

Aqui destaco apenas algumas destas conquistas, porque existem muito mais dentro das comunidades Pataxó. Como tenho acompanhado o Atxôhã, principalmente em Coroa Vermelha, vejo o empenho dos membros, pesquisadores e coordenadores nesta luta.

CAPÍTULO 2: REFLETINDO SOBRE AS METODOLOGIAS DE ENSINO DO PATXÔHÃ NAS ESCOLAS PATAXÓ DA RESERVA DA JAQUEIRA E DA ALDEIA JUERANA

Considerando a história do Patxôhã apresentada acima, passo agora a discorrer sobre as metodologias de ensino da língua Patxôhã utilizadas nas escolas Pataxó das aldeias Jaqueira e Juerana. Estas aldeias foram selecionadas em virtude de minha atuação como coordenadora nas escolas dessas duas localidades. Observei que os professores têm metodologias próprias para seu aprendizado e vêm desenvolvendo outras metodologias para o ensino do Patxôhã nas escolas. E para transmissão destes conhecimentos aos alunos usa vários métodos, tanto da escrita como da oralidade, e também buscam com os mais velhos as histórias e vivências.

Mas, como poderíamos definir metodologias?

Etimologicamente, método vem do grego, sendo a composição de "meta", que quer dizer "através, para" e de ódos, que quer dizer caminho. Portanto, método seria um caminho através do qual se chega a um determinado fim. (Anastasiou, 1997, p. 93)

Para ensinar não se tem uma única forma, tem que ser flexível, acolhedor, reconhecer suas limitações, estar em busca de novos caminhos, ser solidário, compreensivo, dar o melhor de si para com o outro sendo que o objetivo é o aluno aprender e não decodificar o conteúdo. Ser educador não é fácil, pois requer muita responsabilidade, compromisso, aptidão e em muitos casos voltar a ser criança sem perder o respeito do educando.

A metodologia é a forma que você usa para transmitir um determinado conhecimento, geralmente utilizado pelo docente para abordar os conteúdos para o educando. Na metodologia temos métodos de pesquisa que usamos para buscar conhecimentos concretos tradicionais ou científicos. E o método de transmissão do conhecimento, o educador é um pesquisador do seu próprio conhecimento, por isso, ele tem que estar sempre em constante pesquisa. A metodologia não é um processo fechado, ela está em constante modificação. Na atualidade a educação se encontra em busca de várias metodologias para que o educando tenha um aprendizado favorável.

Na educação indígena não é diferente, pois estamos sempre buscando métodos próprios de aprendizagem para podermos aplicar em nossa comunidade, respeitando as especificidades de cada comunidade. Esta educação se inicia com a família quando a mesma usa uma metodologia própria para ensinar os conhecimentos do dia a dia. Ao chegar à escola, o educando se depara com o método de transmissão do conhecimento aonde o professor e pesquisador, já vem com sua metodologia para aplicar os conhecimentos. O educador tem que conhecer a realidade de cada aluno para que esta transmissão seja absorvida pelo educando e assim se chega ao objetivo esperado pelo educador.

Desta forma, esse percurso tratará das metodologias de ensino do Patxôhã, com o intuito de termos uma descrição desses processos.

Mapa do território Pataxó da região de Coroa Vermelha, Reserva da Jaqueira e Aldeia Juerana



Fonte: Acervo do Povo Pataxó de Coroa Vermelha

A Escola Indígena Pataxó da Jaqueira

A Escola Indígena Pataxó da Jaqueira está localizada na Aldeia Indígena Pataxó da Jaqueira no Município de Porto Seguro, há 1,5 km da BR 367. A Reserva Indígena Pataxó da Jaqueira foi fundada no ano de 1997. Localizada no território Indígena Pataxó gleba B, situada no Município de Porto Seguro no Extremo Sul da Bahia.

No dia 01 de Agosto de 1997, o cacique Caraja, juntamente com as lideranças Nengo, Saracura, Remungai e a comunidade de Coroa Vermelha entraram na área de forma pacífica, com o apoio de outras aldeias como Boca da Mata, Mata Medonha, Barra Velha e Caramuru (Pataxó Hã hã hãe) e a sede Coroa Vermelha. Em 18 de outubro de 1997 saiu a publicação no Diário Oficial a homologação da Terra Indígena Pataxó de Coroa Vermelha, na qual a Reserva da Jaqueira era vinculada e considerada como gleba B, onde tem cerca de 827 hectares de Mata Atlântica, primária e secundária e é limitada por dois rios, Rio Tinga e Rio Jardim. Após a demarcação desta área ficaram três famílias morando e tomando conta do local, as famílias de seu Benedito Xahú, Itaynhatã, e seu Prejuiso, eles ficaram mais ou menos um ano.

As irmãs do cacique Caraja, Naiara e Jandaia, que já vinham fazendo um trabalho de incentivo à cultura na Aldeia Coroa Vermelha, convidaram a outra irmã Nitxinawã, que juntas saíram de em casa em casa convidando as famílias de dona Caboca, dona Joana, dona Isabel, dona Maria entre outras famílias desta mesma comunidade, para fazer uma caminhada na Reserva da Jaqueira para juntos ver o que poderia trabalhar neste local, para vivenciar e praticar a nossa cultura, preservando a Mata Atlântica e os recursos naturais que ali existem. Com muitas dificuldades fomos construindo os kijemes e o espaço cultural para fortalecimento dos costumes e tradições indígenas Pataxó. Com o tempo houve a necessidade de trabalhar com Ecoturismo para manutenção do espaço e como meio de sobrevivência para as famílias que faziam parte do trabalho. Então foi criada uma Associação para dar suporte neste trabalho e captar recursos para melhoria do local. Trago a fala de um dos grandes líderes Pataxó: Carajá.

Meu nome é Ailton Alves dos Santos, conhecido como Carajá Pataxó, tenho 54 anos, já tem mais de 20 anos que trabalho como liderança aqui no Extremo Sul da Bahia, já fui cacique da Aldeia de Coroa Vermelha na época da demarcação, fui presidente do conselho de cacique depois coordenador, fui cacique da Aldeia da Reserva da Jaqueira e atualmente

sou liderança e faço parte do grupo de gestão do território Ponta Grande no município de Porto Seguro. Tenho conhecimento da situação do nosso trabalho da nossa luta pela terra. Nesse trabalho conseguimos demarcar umas três aldeias, Aldeia Imbiriba, onde foi homologada e registrada, Aldeia Mata Medonha homologada e Coroa Vermelha né, tem Aldeia Velha também que foi uma aldeia delimitada e reconhecida como território indígena e outras mais como também a Aldeia Aguas Belas que foi do tempo da gente. A gente teve um trabalho muito grande né, a gente enfrentou muita dificuldade nesta questão de ocupação do nosso território aqui em Coroa Vermelha, porque a dificuldade era ter histórico do reconhecimento do território do povo Pataxó. Mas como nós sabemos que em 51 nosso povo foi expulso e saiu para vários lugares, vários povoados né, até para Minas e Espírito Santo saiu muitos parentes nosso. Em Coroa Vermelha pela história que o povo estuda e que a gente tinha informação que Coroa Vermelha era um território indígena. Foi aonde teve o primeiro encontro do pessoal com os índios. Em 51 saiu de Barra Velha muitas família direto para morar em Coroa Vermelha, inclusive aqui quando a gente chegou já tinha muitos índios aqui vivendo nesta área. Ai a gente por conhecer e saber que era um direito e território da gente, a gente lutou pela demarcação desta terra, quando a gente lutou pela situação de Coroa Vermelha, agricultura e da Reserva da Jaqueira, que ainda não era reserva, na verdade era uma área dos proprietários de empresários que era um homem chamado de Joacir Goes que era da Gões Coabita pela empresa ter já um projeto implantado dentro desta reserva. Aqui uma área grande de 827 hectares terra de mata atlântica. Eles tinham um planejamento de fazer grandes hotéis porque daqui tem uma vista para ver o mar, ver toda beleza da região, eles queria implantar vários hotéis aqui em cima todo mapeado e loteado. A gente prevendo esta situação na nossa região aqui entre Santa Cruz Cabrália e Porto Seguro não existia mas uma mata de preservação, não existia mais nada, porque os que tinha os pessoal já tinha acabado tirando areia, barro né, só tinha essa que já tinha este projeto feito pelo Joacir Gões de destruir toda mata e toda beleza. Então essa área entrou como área tradicional do povo indígena e realmente era mesmo.

A gente trabalhou em 95, 96 e em 97 a 98 ela foi publicada no diário oficial como território indígena. A gente começou a trabalhar e a preservar quando a gente fez a retomada das áreas eles entraram com ação, com contraditório dizendo que ali não tinha nunca passado índio, que esta terra não era de índio. Mas a gente tinha um antropólogo que já tinha feito todo o trabalho da região que foi o antropólogo Jose Augusto Sampaio, conhecido como Guga, a gente conseguiu provar realmente que era território indígena por causa do sambaqui e nossa história. Então a gente conseguiu ter esta vitória de uma terra Reconhecida, Homologada com Título da União e que hoje somos proprietário desta terra assim de direito de usar e usufruir daquilo que conseguimos, não podemos vender, não podemos alugar, mas podemos sobreviver em cima dela. Então a gente prevendo toda a região aqui não tinha uma

área de preservação a nossa família conseguiu fazer uma área de preservação ambiental para ter uma apresentação inclusive entre dois municípios históricos Santa Cruz Cabralia e Porto Seguro. Conseguimos ter esse espaço, a gente passou um ano trabalhando e se organizando para ver o que ia fazer. A minha família que são as minhas irmãs, inclusive você que hoje e minha nora naquela época era jovem e mais outras lideranças, sua mãe que foi uma pessoa que lutou muito junto com a gente até o fim da sua vida, mas estava junto da gente lutou muito para conseguir esse espaço para as filhas e netos dela junto da gente. A gente conseguiu fazer uma associação para preservação chamamos o IBAMA, a FUNAI muita gente era contra, mas pela estrutura que nós tinha e pelo desmatamento que enfrentamos aqui na região pelos grileiros da terra que invadiram a nossa terra. A gente conseguiu um espaço de preservação e este ano faz 19 anos né, preservada e cultivada pelos próprios índios do povo Pataxó. Aqui e uma universidade foi uma história do povo Pataxó aonde nos resgatamos tudo aquilo que tinha perdido, nosso costume, a nossa cultura, nosso dialeto, tudo que estava adormecido voltou tudo com ela novamente, foi uma escola que voltou para o povo Pataxó, temos a Aldeia Velha que foi toda trabalhada por aqui, o Monte Pascoal outros índios do Xingu e Terena que veio ver o que a gente tinha feito e dado tanto certo nesta terra. Nós continua nela trabalhando recebendo o povo, o turismo, continua recebendo os nossos parentes, nos continua aqui representando a preservação uma grande responsabilidade dentro deste área. Aqui temos várias espécies de animais que serve de sustento e alimentação para nosso povo, mas não usamos porque realmente e muito difícil na região e só nós temos isso aqui. Foi uma luta muito pesada, perdemos muitos parentes, muitos foram ameaçados, muitos parentes enfrentaram sofrimento e neste trabalho já morreram muitos índios parentes nosso. A nossa preocupação hoje é que ainda tem muita terra para frente, para ser demarcada e não é fácil para resolver e pra gente resolver ainda vai ter muitos parentes que vai ter que morrer. (Entrevista Ailton Alves dos Santos Caraja Pataxó, 20/02/17, Aldeia da Jaqueira)

De acordo com o relato do nosso grande líder, cada dia que passa fica mais difícil dos povos indígenas conseguir seus territórios e para que isto aconteça muitas vidas serão ameaçadas e muitos sangues serão derramados nesta terra que consideramos sagradas. Por isto temos que ouvir nossos velhos e buscar suas sabedorias para poder defender nosso povo com nossos costumes, nossa cultura e nossa língua fortalecendo cada vez mais a nossa comunidade e a escola é apenas uma ferramenta entre tantas outras.

Depois de algum tempo, com a demanda da comunidade aumentando, as lideranças foram em busca de outras melhorias e, com isso, a Reserva da Jaqueira se desvinculou de Coroa e passou a ser Aldeia da Jaqueira para ter mais autonomia. Hoje a aldeia tem como

cacique e professor de Patxôhã Siratã Pataxó, têm 30 famílias e 105 pessoas. Conta com atendimento quinzenal de uma equipe de saúde, tem uma Brigada Indígena, Instituto Pataxó de Etnoturismo, trabalha com manejo da piaçava e outras.

Tem como festa tradicional o Araguaksã que é comemorado todo ano no dia 1º de agosto, quando acontece casamentos tradicionais, ritual do barro, a caçada do guerreiro e outras atividades voltada a cultura Pataxó.

A Escola da Jaqueira foi fundada em Março de 2008. Inicialmente funcionava em uma sala cedida pela comunidade e os funcionários eram membros da comunidade que já tinham concluído o Ensino Médio. Tinha duas turmas: uma multisseriada pela manhã com alunos do pré ao 5º ano e à tarde uma turma de EJA (Educação de Jovens e Adultos).

Com o passar do tempo a comunidade, vendo a necessidade de lutar por uma educação de qualidade e um espaço adequado para melhor atender à demanda dos alunos, as lideranças foram em busca da tão sonhada escola. Esta luta durou um ano de idas e vindas em Porto Seguro até que em Agosto de 2009, com a parceria entre a prefeitura de Porto Seguro e a empresa Veracel inaugurou-se a escola com estrutura física arredondada, com duas salas de aula, uma secretaria, uma cozinha, dois banheiros e mais tarde a construção de um refeitório doado por um grupo de empresários de fora do Brasil chamado Kimberle-clak. Com a construção da escola podemos também atender outras comunidades próximas à aldeia como a Tapororoca, Mirapé, Novos Guerreiros e Juerana.

A escola da Jaqueira atualmente atende cerca de 73 alunos, dividida em três turnos: pela manhã tem duas turmas uma de alunos do 2º ao 3º ano e a outra do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental I: a tarde uma turma de Educação Infantil e 1º ano, e à noite uma turma multi da EJA 6º e 7º ano e do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental II.

Em 2017 houve a necessidade de uma extensão da escola na Mirapé com uma turma de pré I e II. Tem PPP (projeto político pedagógico) próprio construído pela comunidade, UEX (Unidade Executora) formada por pais e membros da comunidade e Conselho Escolar. Tem 12 funcionários 5 professores, um auxiliar de classe, uma coordenadora, um administrativo, uma merendeira, uma servidora em serviço gerais e dois vigilantes. São todos indígenas mantidos pela Secretaria Municipal de Educação de Porto Seguro. Alguns estão cursando e outros já concluíram a graduação.

A Escola Indígena Pataxó da Juerana

A Escola Indígena Pataxó da Juerana fica localizada na orla norte na Aldeia Indígena Pataxó da Juerana no bairro Villagem a aproximadamente 8km da BR no município de Porto Seguro no Extremo Sul da Bahia.

Para falarmos sobre a escola vou contar um pouco sobre a aldeia porque toda escola indígena tem muito a ver com a criação da aldeia. Geralmente a escola é o local onde são realizadas as reuniões das comunidades e onde são centralizadas as demandas das aldeias. A Aldeia da Juerana iniciou com a retomada da fazenda São Benedito que era formada por 10 famílias não indígenas. Eles eram fazendeiros e possuíam a maior quantidade de terras e oprimia as quatorze famílias indígenas que viviam neste local.

Com o passar do tempo essas famílias, passando muitas dificuldades, ficaram sabendo pelo primeiro morador que era indígena, que aquelas terras eram de seus antepassados e que foram tomadas pelos fazendeiros. Então aquelas 14 famílias indígenas juntos com os parentes da aldeia de Coroa Vermelha retomaram a área no dia 01 de junho de 2003.



Escola da Juerana. Fonte: Acervo Escola Juerana.

Após um ano de retomada a Funai iniciou os trabalhos de identificação do território e a comunidade denominou esta área como aldeia indígena Pataxó Juerana: Segundo a fala da cacica Maria das Dores.

Meu nome é Maria das Dores Florêncio de Jesus, sou cacica da Aldeia Juerana e atual presidente do conselho de caciques do Município de Porto Seguro. Vou contar um pouco da história da minha aldeia. Aqui nesta fazenda tinha uma escola que se chamava Escola Municipal Velho Lúcio, a escola levou este nome em homenagem ao primeiro morador que era casado com uma índia e pai dos quatorze filhos que ali moravam, a escola continuou funcionando com este nome por alguns meses, ai uma grande parte dos alunos vinham de uma fazenda mais distante que reprovava as nossas ações indígenas e com isto resolvemos levar o nome da escola para outro lugar perto a eles, foi assim que conseguimos criar a nossa escola indígenas diferenciada e autônoma onde decidimos o que queremos para nossos alunos respeitando os nossos costumes e tradição onde nossa cultura permanece viva na memória dos mais velhos e fazemos nossos awe, cantamos, dançamos construímos nossos adereços juntamente com os pais dos alunos, a partir do dia dois de janeiro de 2004 a nossa escola passou a ser considerada Escola Indígena Pataxó Juerana nesta época iniciamos com quarenta alunos indígenas. Nossa comunidade sobrevive da agricultura, aqui plantamos e colhemos os nossos alimentos fazemos bolinhos de puba, beijju, bolo de aipim entre outros alimentos que vem da terra. Aqui todos nós trabalhamos na terra desde o mais velho como os mais novos e tentamos viver assim na nossa cultura e buscando na terra nosso sustento (entrevista cacica Maria das Dores Florêncio de Jesus, 25/02/17, Aldeia Juerana)

De acordo com a fala da cacica Maria das Dores a aldeia foi mais uma vitória para nosso povo e a escola teve seu papel importante na comunidade, pois através dela pode se resgatar muitas memória dos mais velhos para nossos novos reconhecer seu direito e manter nossa cultura ativa.

A Escola Indígena Pataxó Juerana fica situada na orla norte, próxima a Reserva Indígena da Jaqueira. Da pista à aldeia são aproximadamente 8 km de distância. Este estabelecimento é de competência pública. A diretoria a qual está vinculada é a Diretoria de Educação Escolar Indígena que fica na Secretária Municipal de Porto Seguro. O horário de funcionamento é das 7:30h às 11:30h, matutino e, 13h às 17h, vespertino. O ensino é do pré I ao 5º ano, do Infantil ao Fundamental I em sala multisseriada e atende a EJA do 1 ao 5 ano e do 6º ao 9º ano noturno.

A escola é uma conquista, pois temos uma sala de aula, dois banheiros (masculino e feminino) direcionados para os alunos, refeitório com mesa e cadeiras de boa qualidade, um banheiro para o professor, secretaria, cozinha de área aberta. Atualmente temos água do poço artesiano feito pela Sesai e energia elétrica onde cada casa tem seu padrão independente, mais uma luta da comunidade. Quanto aos nossos alunos são todos indígenas e funcionários também, a grande maioria habita em casas de taipa que não têm o revestimento, o piso é de chão de barro batido, as casas são simples e não temos banheiros adequados.

Construímos uma casa de saúde com ajuda da comunidade e voluntários que fizeram doações de materiais para os atendimentos médico. A agricultura é uma das fontes de renda e este ano podemos fornecer alimentos pra a escola dentro do programa agricultura familiar.

Nas próximas seções, trato do ensino do Patxôhã.

O Ensino de Patxôhã para crianças em casa e na escola

O ensino de Patxôhã na Educação Infantil acontece através das danças indígenas. O professor faz ensaio das danças indígenas em sala ou fora dela. Na maioria das escolas indígenas ensaia até a forma de dançar de cada música, pois cada música tem uma forma diferente de dançar seguindo o ritmo do toque do maracá. A pisada é sempre mais forte para sentir a força da terra e acordar o espírito da natureza.

O professor ensaia as músicas, produz textos para produção de músicas. São cantadas por homens e mulheres sendo que tem músicas que os homens cantam uma parte e as mulheres cantam a outra parte. As músicas são feitas para homenagear alguns elementos da natureza ou contar a vida da aldeia.

A escrita destas geralmente é feita por pessoas da comunidade ou na escola como atividade escolar. Os instrumentos que acompanham a música são o maracá (é feito com a cabaça ou coco e um pedaço de pau que serve de cabo, e semente de pariri ou outra semente), pau de chuva (pedaço de bambu com conchas dentro).

Os jogos são outros métodos muito utilizado na escola indígena, pois é através deste que a criança fixam alguns conteúdos trabalhados em sala de aula. Estes jogos são construídos pelos próprios professores e alunos como bingos, caça palavras, dominó, jogo da trilha, jogo do dado todos usando a língua Patxôhã. Então você trabalha todas as disciplinas.

Outra forma de nós pais ensinarmos nossas crianças em nossa casa é usando coisas do dia a dia delas desde uma simples brincadeira, ir tomar banho, tomar café entre outras coisa ao seu redor. Para refletir sobre o ensino da criança em casa, trouxe um relato de vida da minha filha Yam´Nawã.

O aprendizado de Patxôhã vai além da sala de aula. Aqui trago um exemplo: a minha filha caçula Yam´Nawã Lopes dos Santos, tem dois anos ainda não estuda na escola. Mas em casa, eu com seu pai, desde 1 ano e 6 meses que começamos a ensinar oralmente algumas palavras, usando objetos, animais ou coisas do dia a dia.

Com isso ela foi aprendendo a pronunciar algumas palavras do cotidiano, quando ela ia tomar banho a gente falava: Yam´Nawã wlatxatwy Yam´Nawã! Então ela entende e vai para o banheiro tomar banho, quando falamos: wlatxatwy yam´Nawã! Ela vai escovar os dentes, quando estamos indo para a aldeia Coroa Vermelha, no trajeto falamos: Yam´Nawã cadê angoho? É ela mostra a lua e a luz então achamos que ela entende que é algo que tem claridade. Quando falamos: Yam´Nawã cadê o seu patatxay? Ela pega o sapato ou chinelo.

No Patxôhã, wlatxatwy é banho, toxui: dente, angoho: lua e patatxay: sapato. A partir de então sempre ensinamos algumas palavras para ela e por ter escolhido o meu percurso sobre as metodologias do Patxôhã comecei a observar as palavras que ela aprendeu e fiz uma lista de 15 palavras.

Observei também, que por ela ver os alunos correrem a corrida do maracá no campo próximo a minha casa, ela aprendeu que quando falamos apetxienã, krokxy, mitxe ela sai correndo, mas ela ainda não sabe que são os números um, dois e três. Este ano ela completa 3 anos e vai ser ouvinte na escola da Jaqueira, vou continuar pesquisando a oralidade do Patxôhã através das experiências transmitidas por ela para poder incentivar aos pais, alunos e comunidade a levar o Patxôhã para o seu cotidiano. Esta é uma forma de nós pais ajudarmos a fortalecer ainda mais a nossa língua Pataxó. Segue abaixo a relação das palavras em Patxôhã e sua tradução faladas por Yam´Nawã.

Lista de palavras Pataxó faladas por Yam´Nawã

Nº	Palavras em Pataxó	Tradução em Português
01	kamandu	Cavalo
02	Tapita	Banana
03	Patatxay	Sapato\ chinelo

04	Toxuy	Escovar Dente
05	Angoha	Lua\ luz\ claridade
06	Goyrã	Barriga
07	Inxeu	Cabelo
08	Tere	Chuva
09	Kokuã	Cabeça
10	Manohá	Nuvem
11	Tamikuã	Estrela
12	Txoeki	Passarinho
13	Ramiá	Dançar
14	Tupi-sai	Tanga de estopa
15	wlatxatwy	Tomar Banho

O Ensino do Patxôhã no Ensino Fundamental I

O aprendizado de Patxôhã no ensino fundamental I do 1º ao 3º ano se dá através de produção, tradução e oralidade, trabalhando a escrita de palavras ou textos e sua tradução tanto do português para o Patxôhã quanto do Patxôhã para o português, através de músicas indígenas, jogos e brincadeiras. Para isso, há vários métodos. Um deles é a utilização de jogos metodológicos realizados dentro ou fora de sala de aula como:

1. **Arco e flecha:** (feito com o pati espécie de palmeira e embira e uma fibra retirada da entrecasca da biriba espécie de árvore nativa): neste jogo podemos usar os numerais em patxoha ou seja ao fazer o alvo usamos os números na pontuação.
2. **Zarabatana:** (feito com bambu fino e tecido com tala de coco de caxandó e imbira e pequena flecha feita de tala de caxandó). Coloca um alvo e o guerreiro tem que assoprar a zarabatana bem forte e ter boa mira para acertar a flechinha no alvo; podemos usar os números, nomes de frutas, nomes de animais tudo em Patxôhã e colocar no alvo.
3. **Corrida com maracá:** (pega a cabaça ou coco faz um buraco pequeno para colocar as sementes dentro e comum pedaço de pau roliço e cera ou pó de serra com cola tapa o buraco e

deixa um pedaço do pau para segurar): formam-se dois grupos com o mesmo total de crianças. O primeiro de cada fila fica com um maracá na mão. O professor conta de um a três em Patxôhã e balança o maracá. O guerreiro realiza o percurso com o maracá na mão e, ao voltar ele tem que passar o maracá para o próximo da fila sem deixá-lo cair. E ele vai para o final da fila.

4. **Cabo de guerra:** (puxar uma corda em grupo) formam-se dois grupos da mesma quantidade de integrantes. O professor conta de um a três em Patxôhã e balança o maracá. Todos tem que puxar a corda, vence o grupo que tiver mais força.

Outro método é a **roda de conversa**. Nessas rodas de conversa são feitas com a participação dos mais velhos da aldeia. É onde eles passam para a comunidade sua vivência e sabedoria de vida, como fizeram para reivindicar nossas terras, onde foram, quem os acompanhou.

Além disso, há as **visitas** à algumas localidades da aldeia como a caminhada na trilha da lagoa seca onde podemos conhecer diversas armadilhas, o professor conta um pouca da história de cada armadilha e mostra na prática como eram utilizadas pelo povo Pataxó. Tem a caminhada a barreira, um lugar onde fica bem claro ações de extração de matéria prima (barro) para construção de um trecho da BR 367 na década de 70 e que até hoje essa área não se recuperou completamente, ficando visível a ação do homem branco no meio ambiente. Atualmente essa área encontra-se dentro no nosso território e, por isso, utilizamos para atividades escolares, manutenção da cultura e usamos este barro em nossas pinturas corporais onde respeitamos a espiritualidade e a purificação do corpo e da mente através do contado com o barro.

Tem também o viveiro da comunidade onde realizamos atividades com os alunos orientando e incentivando sobre a importância do plantio de plantas nativas da região, plantas medicinais entre outras. Nesta atividade fazemos plantios em áreas degradadas onde os alunos plantam a sua muda identificando data, nome da árvore, seu nome e cada ano escolhemos um local diferente para o plantio.

Há também atividades realizadas no rio onde mostramos a importância da mata ciliar para a conservação da nascente do rio, os benefícios que o rio traz para a comunidade,

trabalhamos temas sobre lixo, água potável, poluição, desmatamento entre outros temas que são relevantes para nosso povo.

Realizamos intercâmbios as comunidades próximas como na Aldeia Juerana, Aldeia Coroa vermelha, Aldeia Mirapé e alguns pontos Históricos de Porto Seguro onde percebemos vestígios da história dos povos indígenas no Brasil.

Essas localidades da aldeia são visitadas pelos alunos com a supervisão dos professores e funcionários da escola. São pontos importantes para a comunidade ouvimos histórias do nosso povo, encontramos rios e mangues lugares de encontro de crianças e adultos e muitas vezes onde retiramos nosso sustento.

Também há a participação das atividades festividades culturais da aldeia: participação ativa no Aragwaksã (festa tradicional do povo Pataxó que acontece todo ano do dia 30 de julho a dia 01 de agosto). Essa participação vai desde a construção de adereços, pinturas, até a realização do ritual através de cânticos e danças.

Temos os jogos que são realizados na escola no mês de abril onde se inicia três semanas antes para confecção dos adereços dos alunos como (bustiê, brincos, cintos, cocares, colares) as pinturas corporais, exposições matérias utilizados pelos mais velhos da aldeia, textos de lendas e contação de histórias escritas pelos alunos entre outros. Todas essas atividades contribuem para o ensino do Patxôhã.

Abaixo, apresento fotos do jogo cabo de guerra e do awê bem como a letra de alguns cânticos utilizados para o ensino da língua Patxôhã.

JOGO CABO DE GUERRA



Jogo Cabo de Guerra, Aldeia Jaqueira, Estudantes da Juerana e Jaqueira.
Fonte: Sirleide Batista Lopes

AWÊ



Awê Pataxó, crianças da Escola Juerana. Fonte: Acervo da escola da Juerana

Cânticos na língua Pataxó

Cântico 1:

Tuhutari Pataxó,

suniatá hamiá,

hũ iõp kanã taputa,

uĩ hãhãõ,

kanã pataxí, Pataxó.

Tokerê dxê iõ kawatá,

txibá kamaywrá.

Uhitué hũ nitxi wekanã.

Autor: Waihana e Matalawê Pataxó

Tradução:

Hoje vou cantar e dançar com os meus parentes na minha aldeia Pataxó. Queremos ver o coração cheio de coragem, alegria com muita paz. Unidos Deus vem nos proteger.

Cântico 2:

Kuãhi ãpú, hêy,

kuãhi ãpú, hêy.

Apôy suniatá hamiá,

uĩ kanã pataxí.

Taputá wekanã niamisũ.

Autor: Tawá Pataxó.

Tradução:

Sábio dos sábios. Vêm cantar e dançar na minha aldeia bem vindos na paz de Deus.

Cântico 3:

Txanã Pataxó ãpuãg ãpú pataxí,

pehĩ ãpú hãhãõ,

pehĩ ãpú kumuhuá,

pehĩ ãpú niamisũ.

Suriãg´irá dxahá me´aré xohã,

Suriãg´irá dxahá me´aré xohã,

pehĩ ãpú hãhãõ, pehĩ ãpú kumuhuá,

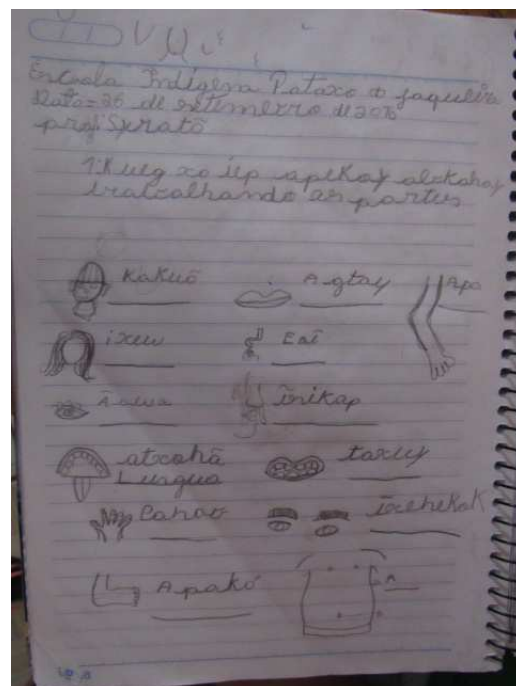
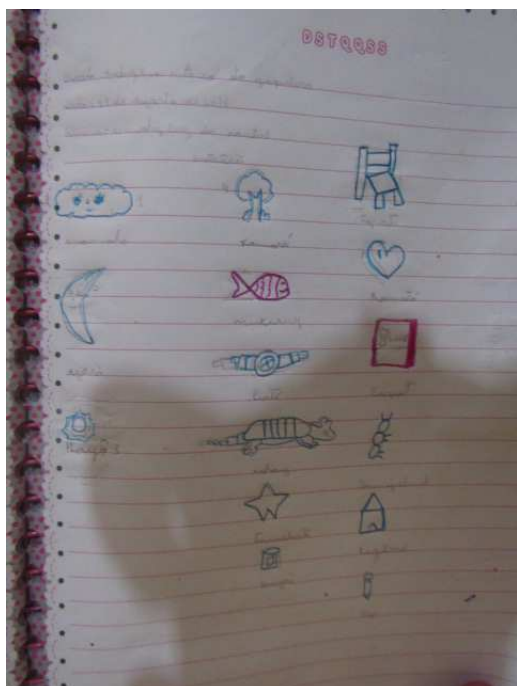
pehĩ ãpú niamisũ.

Autor: Tawá Pataxó.

Tradução:

Criança Pataxó esperança da aldeia. Luz da terra, luz do mar, luz de Deus. Enviado para ser guerreiro.

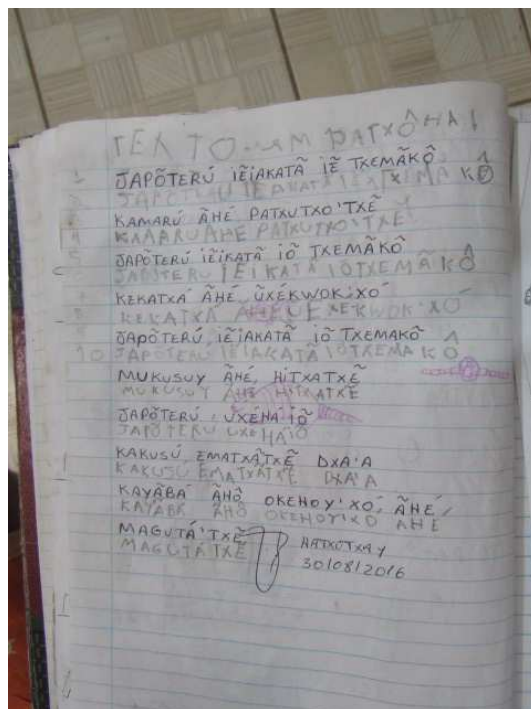
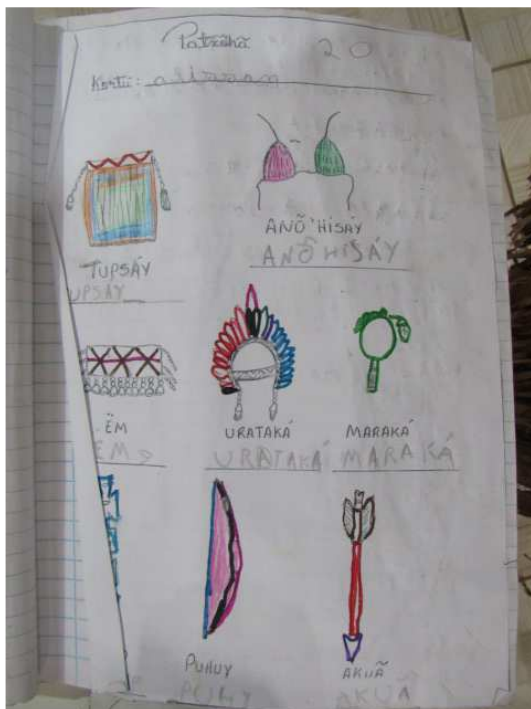
ATIVIDADES DE ESCRITA DO PATXÔHÃ REALIZADAS NAS ESCOLAS



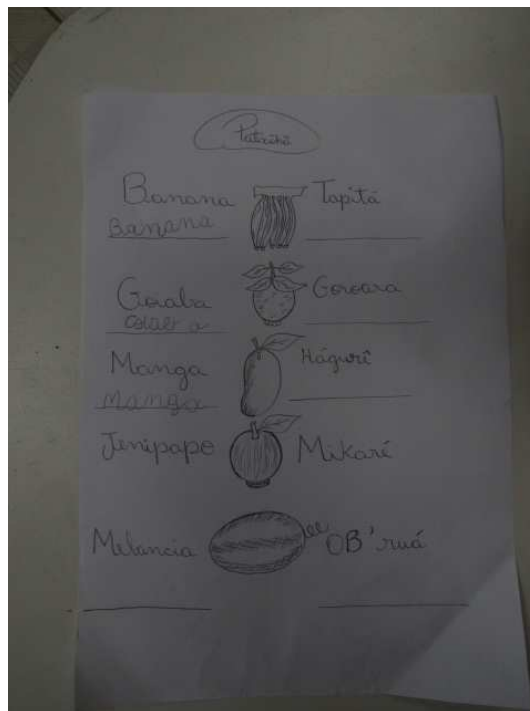
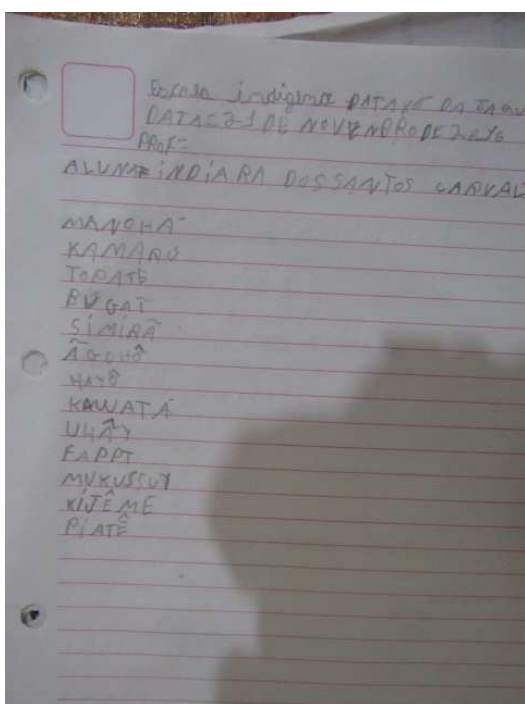
Atividades realizadas na Jaqueira. Fonte: Sirleide Batista Lopes



Atividades realizadas na Jaqueira. Fonte: Sirleide Batista Lopes



Atividades realizadas na Jaqueira. Fonte: Sirleide Batista Lopes



Atividades realizadas na Jaqueira. Fonte: Sirleide Batista Lopes



Atividades realizadas na Jaqueira. Fonte: Sirleide Batista Lopes



Atividades realizadas na Jaqueira. Fonte: Sirleide Batista Lopes



Atividade Escola Juerana. Acervo Escola Juerana



Atividade Escola Juerana. Fonte: acervo Escola Juerana.

Diferenças e semelhanças no ensino do Patxôhã nas escolas observadas

Uma conquista não só para o grupo de pesquisa da língua Patxôhã, mas para todo o povo Pataxó é ter como disciplina o Patxôhã em todas as Escolas Indígenas Pataxó tanto na Bahia como em Minas Gerais fortalecendo a educação intercultural bilíngue nas escolas Pataxó.

A comunidade é de fundamental importância para que no futuro tenhamos mais falantes da língua Pataxó. Para isso, contamos com a escola, que é um desses instrumentos de transmissão destes conhecimentos, segundo Uilding Cristiano Braz:

A nossa instituição escolar desempenha um papel importante no processo de introdução e de prática de nossa língua e por isso, é relevante ter uma disciplina específica que trate apenas da língua, tendo uma carga horária paritária com a língua do colonizador estaremos contribuindo ainda mais para o fortalecimento cultural e linguístico de nosso povo. (Braz, 2016, p. 34)

De acordo com o trecho acima podemos ressaltar que a língua Patxôhã teve um avanço significativo para o povo Pataxó e que é pertinente dizer que as comunidades Pataxó agora tem outro desafio que é igualar a carga horária da disciplina de Patxôhã a disciplina de português. Sabemos que esta não é uma tarefa fácil, mas acreditamos que com a força das comunidades, juntamente com o Atxôhã, a gestão escolar de cada escola e a parceria com a Secretaria de Educação do município, podemos avançar neste objetivo.

Em relação às metodologias utilizadas nas escolas, observei ao longo deste tempo que os professores de Patxôhã das duas escolas onde fiz minha pesquisa cada um trabalha com um método próprio diferente, apesar de terem acesso ao mesmo manual do Patxôhã. Uma trabalha mais a oralidade das músicas e danças e a outra trabalha mais as palavras, formação de frases e pequenos textos. Durante a minha pesquisa nas duas escolas pude perceber que nas duas os alunos tem bastante material escrito, em todos os momentos a oralidade acontece através de músicas, histórias, textos, palavras, entre outras.

Na minha pesquisa de observação pude notar que a escola da Juerana tem como professora de Patxôhã Rafaela Florêncio de Jesus ela trabalha muito com músicas, danças, leva os alunos para fazer atividade de campo na farinheira onde eles aprendem a fazer os bolinhos e beijus, leva eles também para o campo para fazer capima ou plantação juntos aos

adultos, faz coleta de lixo usando sempre palavras e frases em Patxôhã tem alguns alunos que até se arriscam em pronunciar algumas frases. Ela sempre participa dos encontro de Patxôhã para se manter atualizada. Quando ela tem alguma dúvida ela procura os meninos do atxôhã, como ela mesmo fala, e ela tem a apostila no celular através de um aplicativo. Faz jogos educativos no Patxôhã como caça palavras, bingo, trilhas entre outros trabalha também os jogos com os alunos, produz os adereços junto aos pais, tem uma parceria muito boa com outras comunidades e até faz intercâmbio com os alunos.

A oralidade está sempre presente mas de uma forma sucinta. Acredito que possa ser por falta de material de apoio pedagógico na língua Patxôhã. Na minha opinião o que falta é ter mais falantes para dialogar, para ter fluência na oralidade através de diálogos onde um passa o aprendizado para o outro. Isso percebo não apenas nesta escola mais em outra também. As escolas que tem mais falantes da língua Patxôhã, tem avançado mais juntamente com sua comunidade. Trago na fala de Tawá Pataxó, como aconteceu o seu processo de aprendizado da língua Patxôhã:

Então eu vou falar um pouco foi indo, foi indo quando começou a ter encontros ai que a gente tinha muitas palavras mas quando a gente ia uma frase ficava faltando palavras, quando ia fazer músicas ficava faltando alguma coisa ai eu comecei a estudar mais o Patxôhã eu ficava de 10h da noite até 3 h da manhã estudando sozinho. Algumas pronuncias que eu não sabia né, eu ia lá e procurava Awoi ai eu falava me mostra aqui como se pronuncia esta palavra aqui, ai ele falava rapaz eu também não sei. Ai eu falava então vamos nós dois olhar aqui e ver como nós vamos pronunciar isso aqui. Ai a gente ficava tem acento ali, não, tem acento aqui, tem e ai a gente ia né vendo como pronunciar aquela palavra. Então eu e ele foi aprendendo né, ai chegou um ponto que a gente sem perceber ele falava no idioma comigo e eu com ele. Através desse interesse de tá falando nosso idioma agente começou a esta mais envolvido, por dentro Patxôhã ai que agente foi percebendo essas coisas de tá analisando as próprias palavras que a gente já cantava, o que significa isso e aquilo o que e isso, a gente começou a fazer um trabalho pegando a própria música para analisar, a gente foi olhando vimos o que queria falar com a música ai dentro de algumas músicas que a gente ia analisando agente fio a semelhança com os Maxacali. Tem a música Mirapé tupã, tibaïanaikã, tibarã nakoxi ela tem uma parte em português e outra no idioma só que quando a gente canta parece que está toda no idioma o índio não falava o português certo. Como se dizia a minha avo taquara que hoje tem 95 anos ela chama capacete, boné, chapéu tudo o que coloca na cabeça era casquete para ela ai agente começou a ver isso, outra palavra e quinhão é Pataxó agente foi vendo que não. Quinhão é Pataxó, casquete também não.

Casquete é um chapéu português é uma palavra antiga. Então dentro deste trabalho de pesquisa gente foi olhando isso. Os mais velhos mesmo os mais antigos nossos indígenas usava estas palavras ai gente observou que estas foi introduzido no nosso povo. Ai foi que eu fui aprendendo, Ajuru também foi um dos que ficou na pesquisa ai quando Matalawe saiu ficou Awoi e Ajuru responsável pelo Atxôhã em coroa vermelha eles tem mais os conhecimentos nesta questão e eu sempre estava junto com eles qualquer trabalho de tradução na comunidade a gente ia fazer juntos, fazia uma música eu mostrava pra ele porque eu também faço música, a maioria das música que são cantadas por ai se não tiver meu nome tem o de Matalawe eu tenho esse dom de fazer músicas ai veio outras pessoas da comunidade que começou a fazer músicas ai se espalhou.(entrevista Tawá Pataxó, 05-01-2017, Aldeia da Jaqueira)

Segundo a fala do Tawá seu ensino de Patxôhã contou muito com a sua vontade de aprender a sua cultura, seus costumes e aprofundar seus conhecimentos na língua para ser respeitado enquanto povo, que tem seus direitos, suas especificidades e que lutou em busca deste conhecimento para defende seu povo. Foi um trabalho que passou por diversos momentos teve o momento do aprender sozinho, o coletivo, a pesquisa e análise de palavras e, por fim, a aprendizagem aconteceu de uma forma prazerosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho de pesquisa tive a oportunidade de buscar mais conhecimentos da trajetória da língua Pataxó, seja através do dia a dia da escola ou ao sentar para ouvir um ancião contar histórias, agora tenho um outro olhar em relação às metodologias utilizadas em minha aldeia.

Esta pesquisa foi realizada através de estudos bibliográficos, pesquisa de campo, filmagem das aulas de Patxôhã, coleta de dados através de diários e plano de aula, entrevistas com professores de Patxôhã, alunos e lideranças das duas comunidades citadas. No decorrer da minha pesquisa pude observar que agora devemos aplicar atividades mais voltada na oralidade do Pataxó, pois a escrita tem avançado bastante. E a comunidade é de fundamental importância para que no futuro tenhamos mais falantes da língua Pataxó.

Meu objetivo é aprofundar meus estudos no ensino de Patxôhã para ajudar minha comunidade e meu povo Pataxó, que hoje tem a oportunidade de aprender a falar o Patxôhã. Cito como exemplo minhas filhas Yacewara que hoje está cursando o 6º ano do Ensino Fundamental II na Escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha e Yamĩ que está cursando o 3º ano do ensino fundamental I na Escola Indígena Pataxó da Jaqueira. Ambas estudam o Patxôhã na escola. Além delas tem a minha pequena Yam´nawã que ainda não estuda na escola, mas eu e seu pai estamos ensinando a língua oral Patxôhã em casa.

Este privilégio minha geração não teve, pois o ensino de Patxôhã só foi introduzido na Escola Indígena de Coroa Vermelha no ano de 2003 graças ao grupo de Pesquisa da Língua, História e cultura Pataxó denominado como Atxohã que por sua vez só deu certo porque tem o apoio das lideranças e mais velhos das aldeias Pataxó.

Espero que possamos continuar na nossa luta pelo reavivamento de nossa língua e que esse trabalho possa contribuir para esse desafio.

REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargo. Metodologia de ensino: primeira aproximações... Educar, Curitiba, n. 13, Editora da UFPR, 1997, p. 93-100.

BONFIM, Anari Braz. *Patxôhã, “língua de guerreiro”*: um estudo sobre o processo de retomada da língua Pataxó. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia. 2012.

BRASIL, memo. nº553\DGPI. 23\08\82, Ministério do Interior, Fundação Nacional do Índio - FUNAI.

BRAZ, Uilding Cristiano. O ensino de Língua Patxôhã na Escola Indígena Pataxó Barra Velha. Monografia (Formação Intercultural para Educadores Indígena) Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

POVO PATAXÓ, Comunidade Escolar da Juerana. *Projeto Político Pedagógico*, Escola Indígena Pataxó da Juerana, Porto Seguro, 2010.

_____, Comunidade Escolar da Jaqueira. *Projeto Político Pedagógico*, Escola Indígena Pataxó da Jaqueira, Porto Seguro, 2010.

_____, Apostila do *Atxôhã* (grupo de pesquisa da língua, história e cultura Pataxó), professores e membros das aldeias Pataxó, Coroa Vermelha, 2015.

SANTOS, Voltair Alves e SANTOS, Vagner Alves. A língua Pataxó na comunidade Coroa Vermelha. Monografia (Magistério Indígena) Secretaria Estadual de Educação e Cultura da Bahia, 2010.